



2018 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 19 - Educação e Arte

PROTOSCOLOS VERBO-VISUAIS: PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE DIALÓGICA
Cintia de Oliveira Pontes Rosa - UFPR - Universidade Federal do Paraná

Este resumo tem como objetivo perscrutar procedimentos teórico-metodológicos para uma análise dialógica de protocolos verbo-visuais. Para isso, apresenta-se alguns pressupostos sobre a Análise Dialógica do Discurso e a verbo-visualidade. Também analisaremos o conceito de protocolos verbo-visuais e trabalhos dessa área. Logo após, abordaremos alguns conceitos-chave para uma análise dialógica, para, em seguida, abordarmos os procedimentos de forma prática com materialidades discursivas de uma pesquisa relacionada à educação, linguagem e teatralidades.

PROTOSCOLOS VERBO-VISUAIS: PROCEDIMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA UMA ANÁLISE DIALÓGICA

RESUMO: Este texto tem como objetivo perscrutar procedimentos teórico-metodológicos para uma análise dialógica de protocolos verbo-visuais. Para isso, apresenta-se alguns pressupostos sobre a Análise Dialógica do Discurso e a verbo-visualidade. Também analisaremos o conceito de protocolos verbo-visuais e trabalhos dessa área. Logo após, abordaremos alguns conceitos-chave para uma análise dialógica, para, em seguida, abordarmos os procedimentos de forma prática com materialidades discursivas de uma pesquisa relacionada à educação, linguagem e teatralidades.

PALAVRAS-CHAVE: Protocolos verbo visuais; Análise dialógica do discurso; Teatralidades; Bakhtin.

APRESENTAÇÃO

A Teoria dialógica tem sido amplamente utilizada nas pesquisas em ciências humanas. Possui uma metodologia própria, com noções específicas de análise. Tais noções, apresentam-se como conceitos, porém sem a rigidez comum às outras teorias. Nas áreas artísticas, tem sido utilizada em virtude do seu objeto de estudo se dar na obra de arte literária. Aparentemente trata-se apenas de linguagem, no entanto, verifica-se intensas relações com a vida, com o cotidiano.

Para uma análise dialógica é necessário um aprofundamento da teoria presente em uma vasta gama de manuscritos deixados por Bakhtin e o Círculo. Já se utiliza uma metodologia das ciências humanas, um método próprio de pesquisa e análise. Nesse método, as materialidades discursivas verbais, visuais ou verbo-visuais são analisadas dialogicamente sem a ideia de síntese. Não há primeira nem última palavra. Não há limites para o contexto dialógico. Há uma multiplicidade de sentidos que podem ir e vir no 'grande tempo', sempre retornando através das relações dialógicas.

Portanto, dentro dessas materialidades discursivas, tratados como enunciados concretos, há inumeráveis tipos de textos. Textos não apenas verbais, visto tratar-se de uma teoria mais ampla de linguagem. Portanto, podemos citar o texto escrito, a fala, uma obra de arte, uma performance ou um gesto como enunciado concreto. Diz-se sobre ser um enunciado concreto, uma unidade real da comunicação, possui sentido, não é necessariamente um texto, mas pode apresentar-se como texto.

Destarte, consideramos os protocolos verbo-visuais como enunciados concretos, passíveis de um estudo com rigor científico e um método de análise. Portanto, pretende-se neste trabalho perscrutar procedimentos teórico-metodológico para uma análise dialógica de protocolos verbo-visuais, uma materialidade utilizada comumente nos estudos entre educação, linguagem e teatralidades.

O decorrer do trabalho se dará por uma breve abordagem teórica sobre a análise dialógica do discurso, a verbo-visualidade e os protocolos verbo-visuais. Tendo firmado essas noções, será apresentado alguns conceitos vitais na perspectiva dialógica e, por fim, a prática processual de uma análise e considerações finais.

ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

O dialogismo tem se reafirmado enquanto prática metodológica em diversas pesquisas em ciências humanas. Embora Bakhtin, aparentemente, sempre tenha fugido de conceituações, classificações e definições fechadas, é inegável a importância das contribuições do Círculo para os estudos da linguagem e educação, motivando, dessa forma, a formalização de uma teoria nomeada por Brait (2006) de Análise Dialógica do Discurso.

Ninguém, em sã consciência, poderia dizer que Bakhtin tenha proposto formalmente uma teoria e / ou análise do discurso (...). Entretanto, também não se pode negar que o pensamento bakhtiniano representa, hoje, uma das maiores contribuições para os estudos da linguagem, observada tanto em suas manifestações artísticas como na diversidade de sua riqueza cotidiana. Por essa razão, mesmo consciente de que Bakhtin, Volochinov, Medviédev e outros participantes do que atualmente se denomina Círculo de Bakhtin jamais tenham postulado um conjunto de preceitos sistematicamente organizados para funcionar como perspectiva teórico-analítica fechada, ainda que "o conjunto das obras do Círculo motivou o nascimento de uma análise / teoria dialógica do discurso (...)". (BRAIT, 2006, p.9-10).

Ao utilizar-se dessa teoria, os trabalhos acadêmicos, através das ideias de Bakhtin e o Círculo, têm como a verdadeira substância da língua, o fenômeno da interação verbal, o qual se realiza através da enunciação, reconhecendo a importância da manifestação pessoal do sujeito falante (BAKHTIN, 2014a).

Mesmo sem ter uma definição fechada sobre a Teoria Dialógica do Discurso, Brait (2006, p.10) explicita que o seu embasamento constitutivo é uma concepção de linguagem, construção e produção de sentidos apoiadas nas relações discursivas (ou dialógicas) travadas pelos sujeitos historicamente situados.

Ainda segundo a autora, Bakhtin não dispensa a linguística, mas seu pensamento incide no discurso, ou seja, a linguagem em uso. Em vista disso aponta a necessidade de uma metalinguística. Isso o faz trocar o termo discurso, por ser comumente usado na linguística, por relações dialógicas:

Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a Linguística estuda a linguagem propriamente dita com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai consequentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela Metalinguística, que ultrapassa os limites da Linguística e possui objeto autônomo e metas próprias (BAKHTIN, 1981, p. 182).

E continua explicitando que a linguística compreende os fatores internos (fala, texto) e a metalinguística, os externos (contexto, entonação, posição corporal, pausas, olhar). No entanto não se pode separá-los. Temos, desse modo, a base linguística sendo o discurso, porém as relações dialógicas estão centradas no extralinguístico, caracterizado como metalinguística. Por isso:

Excluir um dos polos é destruir o ponto de vista dialógico, proposto e explicitado pela teoria e pela análise, e dado como constitutivo da linguagem. É a bivocalidade de 'diálogo', situado no objeto e na maneira de enfrentá-lo, que caracteriza a novidade da Metalinguística. (BRAIT, 2006, p. 13).

Ao ultrapassar o campo linguístico, reconhece-se o campo da atividade humana a que pertence aquele discurso. Os enunciados (orais e escritos), concretos e únicos são emitidos em diferentes instâncias comunicativas. São utilizados com condições específicas e finalidades próprias. Cada esfera produz seus próprios enunciados que coincidem em conteúdo e composição. São regularidades enunciativo-discursivas que se repetem, formando os gêneros do discurso. (BRAIT, 2006).

Para Bakhtin (2011a), três elementos são ligados ao todo do enunciado; o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Lima (2014) refere-se à construção composicional como o material verbal e/ou visual empregado e a sua organização para compor os enunciados. O conteúdo temático refere-se ao(s) sentido(s) produzido(s) pelo material verbal a partir de suas significações que entram em contato com o contexto comunicativo; e o estilo relaciona-se ao modo como os falantes ajustam seus enunciados de acordo com o contexto, para atingir objetivos específicos. Sendo assim, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos de enunciados, chamados de gêneros do discurso.

Brait e Pistori (2012) apresentam uma visão mais ampla sobre gêneros do discurso, salientando que várias obras do Círculo traçam caminhos teórico-metodológicos e não apenas o ensaio mais conhecido "Gêneros do discurso", presente na coletânea Estética da Criação Verbal de Bakhtin (2011b).

As autoras corroboram também que os gêneros não se limitam a produções literárias ou textos e estruturas, embora os englobe, mas também se refere à linguagem cotidiana e ao dialogismo. As experiências individuais e coletivas, compartilhadas em determinado tempo, lugar, cultura e tradição abrangem os muitos tipos de gêneros e suas mudanças. (BRAIT; PISTORI, 2012).

A diversidade dos gêneros do discurso é infinita e sua heterogeneidade funcional torna seus traços abstratos e vazios. Cada campo de atividade tem um repertório de gêneros próprios. Compreendem as réplicas do diálogo cotidiano, o relato, a carta, o comando militar, os documentos oficiais, manifestações publicísticas e científicas, além de todos os gêneros literários. Para um estudo científico, faz-se importante conhecer a natureza dos enunciados, isto é, dos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2011a, p. 262).

Portanto, as relações dialógicas se estabelecem entre os enunciados. Pois quando um sujeito enuncia, inevitavelmente está proferindo enunciados de outra pessoa. Não há como fugir desse fenômeno, como evitar. Embora nem sempre reconheçamos a origem do enunciado, ele é fruto de uma interação viva e tensa. (BRAIT, 2006).

Torna-se oportuno ressaltar que, para uma Teoria Dialógica do Discurso, várias noções da arquitetura bakhtiniana devem ser confrontadas. O fato de que o 'eu' só existe a partir do 'nós'. O entendimento de evento que é único e irrepetível, o não-álibi para a existência, a necessidade de um afastamento exotópico, "que é o motor mais potente da compreensão." (BAKHTIN, 1984 apud AMORIM, 2006, p.100). Toda essa dinâmica marca a perspectiva bakhtiniana e contribui para uma proposta não-fechada, porém bem estruturada.

Para o pesquisador que atua com a Análise Dialógica do Discurso, é necessário compreendê-la como "uma proposta de análise, uma via de investigação, uma maneira de interrogar e não um método ou modelo rígido de escrita." (AMORIM, 2004, p. 16)

VERBO-VISUALIDADE

Em todos os trabalhos do Círculo há a ideia de uma teoria da linguagem mais ampla, e não vinculada apenas ao linguístico, seja oral ou escrito. Além disso, há uma longa tradição de análise do visual, das reflexões sobre a possibilidade de sua leitura e interpretação, vindas da estética, filosofia, por vezes de uma estética-filosófica, das diferentes semióticas (peirceana, francesa, russa), da semiologia de Roland Barthes em seus textos sobre fotografia, retórica da imagem, trabalhos compreendidos entre o final dos anos 1950 aos anos 1970. (BRAIT, 2013).

As sugestões teórico-metodológicas que sustentam a perspectiva verbo-visual, vêm da compreensão de que os estudos de Bakhtin e o Círculo constituem contribuições para uma teoria da linguagem não apenas verbal, oral ou escrita. (BRAIT, 2013). Trata-se de uma linguagem que entende o texto no seu sentido amplo, como qualquer conjunto de signos, a ciência das artes (musicologia, teoria e história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). (BAKHTIN, 2017).

Ainda nesse sentido, em O autor e a personagem na atividade estética (BAKHTIN, 2011c) alguns aspectos fundamentais para uma análise da linguagem são tratados, como o excedente de visão, da imagem, do retrato, do autorretrato visual e verbal, isto é, da representação de si mesmo.

Brait (2013) corrobora que a perspectiva semiótico-filosófica-ideológica, justamente a que vai construir o que Voloshinov designa como signo ideológico em Marxismo e filosofia da linguagem, é a que serve de fundamento para a leitura do visual, da cultura visual, ainda que o autor, aparentemente, não tenha se dedicado à imagem.

Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem (BAKHTIN/VLOSHINOV, 1997, p.35-36 apud BRAIT, 2013, p. 46).

Em outro capítulo, Voloshinov volta a falar sobre a relação da atividade mental e enunciação incluindo o visual:

Quando a atividade mental se realiza sob a forma de uma enunciação, a orientação social à qual ela se submete adquire maior complexidade graças à exigência de adaptação ao contexto social imediato do ato de fala, e, acima de tudo, aos interlocutores concretos. Tudo isso lança uma nova luz sobre o problema da consciência e da ideologia. Fora de sua objetivação, de sua realização num material determinado (o gesto, a palavra, o grito), a consciência é uma ficção. [...] enquanto expressão material estruturada (através da palavra, do signo, do desenho, da pintura, do som musical, etc.), a consciência constitui um fato objetivo e uma força social imensa (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1997, p.117-118 apud Brait, 2013, p. 46-47).

Temos, portanto, os textos verbais de um lado, e os visuais, especialmente os ligados à arte, do outro, os quais foram mencionados nas citações. No entanto, a teoria da verbo-visualidade vai além da ideia de verbal e visual tratadas separadamente. Trata-se de um estudo que procura explicar o verbal e o visual casados, organizados em um único plano, embora tenha gradações, pendendo ora para o verbal, ora para o visual, tendo as relações dialógicas como categoria fundante. (BRAIT, 2013).

Cabe lembrar que, para Bakhtin (2017), nossas pesquisas em ciências humanas não apresentam fronteiras absolutas, impenetráveis. E que estamos interessados na especificidade dos pensamentos, sentidos e significados dos outros, realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de texto. “Onde não há texto, não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2017, p.71).

PROTOSCOLOS VERBO-VISUAIS

Os protocolos como forma de registro têm sido utilizados comumente na área de teatro, em aulas, oficinas, improvisações. Segundo Koudela (2006), responsável pela inserção dessa prática no Brasil, a produção dos protocolos possibilita reflexões sobre as atividades realizadas. A autora se baseou nas práticas de Bertold Brecht ao registrar suas experiências teatrais, com intenção avaliativa de seu próprio trabalho.

Japiassu (2001) sugere o trabalho com os protocolos durante a prática teatral de modo que todos os integrantes tenham a oportunidade de participar da sua produção em determinada aula. O revezamento mantém o dinamismo característico do ambiente teatral.

Gonçalves (2013) amplia a noção de protocolo ao acrescentar-lhe o conceito de verbo-visualidade de Brait (2009), que os organiza dizendo que:

Fazem parte das produções de caráter verbo-visual, em circulação em diferentes esferas, charges, propagandas, capas de revistas, páginas de jornal, aí incluída a primeira, poemas articulados a desenhos, comunicação pela Internet, textos ficcionais (BRAIT, 2009, p.144).

Surgem, assim, os protocolos teatrais verbo-visuais, presentes em estudos recentes relacionados à educação, linguagem e teatralidades. Para o autor, visto “como mais uma possibilidade relacionada ao verbo-visual como perspectiva dialógica, agora como uma metodologia de trabalho na aula de teatro.” (GONÇALVES, 2013, p.111).

Por certo, as materialidades aqui denominadas protocolos verbo-visuais devem ser analisadas como um todo. O verbal e o visual se inter-relacionam. Os sentidos transcendem o papel, representando as pessoas que o fizeram e a sua própria constituição.

Concordando com Bakhtin (2014a), a concepção semiótico-ideológica ultrapassa a dimensão verbal. Dessa forma podemos considerar texto as materialidades verbais, visuais e verbo-visuais, sempre como enunciado concreto. Nesse entendimento, Brait (2012) corrobora que o texto deve ser analisado pelos mecanismos dialógicos que o constituem, considerando o lugar de produção e circulação, o contexto e a constituição dos participantes, pois se trata de um enunciado concreto.

O termo verbal é compreendido tanto em sua dimensão oral quanto escrita e visual, abrange a estaticidade da pintura, da fotografia, do jornalismo impresso, e a dinamicidade do cinema, do audiovisual, do jornalismo televisivo, etc. Nesse sentido, o que ganha relevo é a concepção semiótico-ideológica de texto que, ultrapassando a dimensão exclusivamente verbal reconhece verbal, verbo-visual, projeto gráfico e/ou projeto cênico como participantes da constituição de um enunciado concreto. Assim concebido, o texto deve ser analisado, interpretado, reconhecido a partir dos mecanismos dialógicos que o constituem, dos embates e tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais, mesmo nos casos extremos de ausência, indefinição ou simulação de autoria (BRAIT, 2012, p. 88-89).

Dessa forma, a verbo-visualidade deve ser entendida como um conjunto indissociável entre oral e visual. Essa junção forma um enunciado concreto e como tal concebido semiótico-ideologicamente. Dos signos emergem discursos com ideias e pensamentos passíveis de interpretação. “A função dos protocolos teatrais verbo-visuais é, portanto, direcionada muito mais ao mundo dos sentidos que ecoam a partir de uma prática teatral do que à contenção dessa prática em um registro de aula (como se isso fosse possível). (GONÇALVES, 2013, p. 12).

Concordando com o autor e ampliando suas considerações para muito além das práticas teatrais, o uso dos protocolos verbo-visuais extrapola o caráter avaliativo, de registro ou de autoavaliação, mostrando-se mais como uma possibilidade de produção de sentidos. Sentidos que para serem entendidos exigem novos sentidos. Nesse entrecruzamento, novas palavras, novos rumos e possibilidades são estabelecidos. Aí está a versatilidade das relações dialógicas.

Ainda sobre os protocolos verbo-visuais, o Grupo ELiTe, Laboratório de Estudos em Educação, Linguagem e Teatralidades (UFPR/CNPQ), vem desenvolvendo pesquisas não apenas no Teatro, e, dessa forma, busca um diálogo com outras áreas como a educação física, a dança e a literatura, dentro da tríade de interesse.

Nessa perspectiva, Gonçalves (2015) busca refletir sobre os sentidos do evento “aula de teatro”, a partir da investigação de protocolos de aula realizados por discentes de um curso de graduação em Produção Cênica, pelo viés da Análise Dialógica do Discurso, sob a condição da verbo-visualidade.

Os protocolos teatrais verbo-visuais tornaram-se materialidades de um e trabalho de discussão de corpo e identidades no espaço escolar. Araújo (2015) discute os sentidos produzidos sobre gênero, corpo e identidades por professores de teatro durante a montagem de um espetáculo teatral.

Estabelecendo relação dialógica entre o Ballet e a Educação, Taiacol (2016) analisa a produção de sentidos sobre Ballet Clássico na disciplina de Arte, a partir das vozes de alunos do ensino básico, que se enunciam em perspectiva verbo-visual. Os protocolos verbo-visuais

de dança, a partir da proposta da autora, configuram-se como uma possibilidade artístico-metodológica para as aulas de arte e para as pesquisas acerca da construção de enunciados e seus sentidos.

Fazendo aproximações entre corpo e performance na escola, Mello (2016) utiliza os protocolos verbo-visuais para compreender os sentidos de Educação Física para alunos do 1º ano do ensino fundamental. Alguns sentidos de Educação Física encontrados estão relacionados a diferentes noções de liberdade corporal, movimento, brincadeiras e espaço físico que, por sua vez reorganizam e ressignificam os corpos e as performances na/da esfera escolar.

Os protocolos teatrais verbo-visuais no contexto da educação infantil foi utilizado por Sales (2017), no intuito de compreender os sentidos das aulas de teatro para crianças.

E as pesquisas com protocolos verbo-visuais estendem-se para outras áreas como a literatura, videoarte, entre outras.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE ANÁLISE

Para realizar uma análise dialógica de protocolos verbo-visuais torna-se necessário entender-se enquanto um analista ativo. Tal ativismo, pressupõe adentrar em uma cadeia de perguntas e respostas que fazem parte de um elo comunicativo. Um adentramento ativo e responsável, pois não há álibi para a existência humana.

Os conceitos bakhtinianos são importantes chaves teórico-práticas para a compreensão de um enunciado verbo-visual. Muitos deles podem servir como explicação teórica para prover uma necessidade de análise. No entanto, três deles merecem destaque para uma análise dialógica do discurso, visto permear todo o trabalho de Bakhtin e o Círculo, bem como análises nessa perspectiva. São os conceitos:

1. **Enunciação como princípio dialógico:** De acordo com o princípio dialógico, o sentido de um enunciado vai muito além do sentido de uma frase. Esta pode se repetir, aquele, é irrepetível e serve para um propósito único. Bakhtin(2011a) reitera que "toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva." (BAKHTIN, 2011a, p.271). O ouvinte não é passivo. Seu ativismo o impulsiona a ouvir o enunciado e tentar compreendê-lo, e "toda compreensão é prenhe de resposta." (BAKHTIN, 2011a, p.271).

A ativa posição responsiva do ouvinte instaura uma resposta prontamente formulada, organizada e reorganizada durante todo o processo de audição, desde seu início. Até mesmo enunciados que, aparentemente, não geram respostas imediatas, como o caso de alguns gêneros discursivos, possuem uma resposta, ainda que, com efeito retardado (gêneros líricos ou anúncios publicitários, por exemplo). (BAKHTIN, 2011a).

silêncio aparente também é uma posição do interlocutor. Como resposta, o silêncio também concorda, discorda ou subjetiva um enunciado, fazendo, muitas vezes, o falante torná-lo inteligível, reorganizando-o para melhor compreensão.

As funções de falante e ouvinte se relacionam e se misturam. O mesmo que enunciou responde a outras perguntas já lançadas anteriormente, visto cada enunciado ser "um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados." (BAKHTIN, 2011a, p.273). Nesse diálogo vivo, Bakhtin (2014b) discorre:

O discurso vivo e corrente está imediatamente determinado pelo discurso-resposta futuro: ele é que provoca esta resposta, presente-a e baseia-a nela. Ao se constituir na atmosfera do "já dito", o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo. (BAKHTIN, 2014b, p.89).

Por mais sucinta que seja, cada enunciado apresenta uma conclusibilidade específica que exprime a posição do falante e suscita uma resposta do ouvinte ativo, que se torna falante ao enunciar sua réplica.

A não-finalizabilidade do enunciado inserido em um diálogo, torna-o sempre em andamento. O enunciado pode até interromper-se naquele momento, mas nunca termina realmente. (MORSON e EMERSON, 2008). Portanto, a enunciação é o princípio de um fenômeno muito mais amplo que as réplicas de um diálogo. Trata-se de "um fenômeno quase universal, a permear todo o discurso humano e todas as relações e manifestações da vida humana - em geral, tudo quanto tem sentido e significação." (BAKHTIN,1963, p. 40 apud MORSON e EMERSON, 2008, p. 67).

2. **Alteridade como acabamento do eu:** O princípio dialógico funda a alteridade como constituinte. O 'eu' só existe a partir do 'nós'. Eu não posso me ver por inteiro, pois até mesmo o espelho é apenas um reflexo. Apenas o outro que não sou eu me vê por inteiro. Somente ele pode me dar um acabamento provisório. Toda essa dinâmica marca a perspectiva bakhtiniana e contribui para uma proposta dialógica.

A individualidade, assim como a ideologia, é constituída socialmente. A consciência só adquire forma e existência nos signos criados a partir da relação com o exterior, ou seja, a alteridade. Nos moldes bakhtinianos, a individualidade é construída através do outro, portanto é de ordem social. Faraco (2003, p. 22) complementa:

O mesmo mundo, quando correlacionado comigo e com o outro, recebe valorações diferentes, é determinado por diferentes quadros axiológicos. E essas diferenças são arquitetonicamente ativas, no sentido de que elas são constitutivas dos nossos atos (inclusive de nossos enunciados): é na contraposição de valores que os atos concretos se realizam; é no plano dessa contraposição axiológica (é no plano da alteridade) que cada um orienta seus atos.

A esse ponto é necessário que se entenda a função da exotopia em uma análise dialógica. O colocar-se no lugar do outro para ver os sentidos a partir da sua posição. Se é o outro que me dá acabamento, em um processo exotópico possibilito ver-me a partir da sua posição. Dessa forma, há a oportunidade de trocas e reciprocidade. Além do que, como observador, é possível construir um excedente de visão que permite ver além do que o outro vê. E assim, é possível completar-se como sujeito, que de outra forma não seria possível.

3. **Contexto:** Os protocolos verbo-visuais são enunciados concretos materializados por um criador falante. Tudo o que se relaciona à essa criação são apenas condições materiais situadas fora do autor, porém suscitam e determinam sua palavra. São respostas mecânicas a um estímulo externo. (BAKHTIN, 2017). Logo, a interação verbal não pode ser compreendida e explicada fora do contexto no qual está inserido, pois os sentidos dos enunciados dos interlocutores é por ele inteiramente determinado. (BAKHTIN, 2002, p.106,124 apud LIMA, 2014 p. 41,42).

Por conseguinte, "o desconhecimento do contexto, tanto o imediato quanto o mais amplo, não permite a adequada compreensão e explicação dos enunciados que nele são produzidos." (BAKHTIN, [19--] apud LIMA, 2014, p.42).

O enunciado, ainda que apenas uma palavra, é interpretado pelos interlocutores daquele espaço comum, e para isso, precisa não apenas dos fatores internos, mas também dos externos, ou seja, linguísticos e extralinguísticos, condicionados aos horizontes do locutor e interlocutor. Portanto, para analisar ativamente um protocolo verbo-visual, precisamos reconhecer os elementos de um contexto próprio daquele momento, a relação entre o tempo e espaço vivido, ou seja, o que Bakhtin chama de cronotopo. Deste modo, torna-se necessário “apreender a variedade de maneira pelas quais se pode entender a relação das pessoas com o seu mundo”. (MORSON e EMERSON, 2008, p.383). Deve-se entender como as ações se desenrolam naquele contexto específico, pois todos os “contextos são moldados fundamentalmente pelo tipo de tempo e espaço que operam dentro dele.” (MORSON e EMERSON, 2008, p.384).

ANÁLISE DO PROTOCOLO “ATITUDES”

Este trabalho compreende o protocolo verbo-visual como um enunciado concreto, portanto, é um elo da cadeia que se constituem como relações dialógicas. Em vista disso, entendemos que não se trata da primeira, nem da última palavra, mas uma conclusão provisória, a partir de um horizonte predefinido, ou seja, o horizonte da pesquisadora. Os conceitos-chave que retratamos anteriormente, não será trabalhado isoladamente ou sob um modelo rígido que entra em desacordo com o modelo de pesquisa bakhtiniano, mas subentende-se como um princípio de análise, podendo deslocar-se para outros conceitos, quando se fizer necessário.

FIGURA 1 – PROTOCOLO “ATITUDES” (Autor: Aluno Y)



FONTE: Acervo pessoal da pesquisadora

O protocolo “ATITUDES” faz parte do acervo pessoal da pesquisadora. Para a coleta de dados foi utilizada uma aula de 50 minutos com uma turma de vinte alunos do 9º ano, de uma escola particular de Curitiba. Os alunos leram três fragmentos do texto *teatral A aurora da minha vida*, de Naum Alves de Souza e, após a leitura, foram convidados a produzir materialidades discursivas sobre o ser professor.

A escolha deste protocolo deu-se pela ocorrência expressiva. Em um total de vinte protocolos, quatro representaram a figura do mesmo professor, retratando textos verbo-visuais semelhantes. O protocolo foi nomeado de “Atitudes”.

O professor representado faz referência a um professor específico, pela reincidência em outros protocolos. A sala de aula utilizada durante esta pesquisa tem uma disposição diferente pois é utilizada para aulas de biologia, ciências e arte. Tem pia para lavar as mãos e um espaço preparado para experiências. Essa sala de aula foi representada na imagem.

O professor está gritando para o aluno sair da sala, porém nenhum aluno está presente na imagem. A saída está demarcada com a porta e a palavra nomeando-a. A postura física e posição das mãos do professor reforçam o enunciado autoritário presente no balão. A falta de representação dos alunos é um importante dado. Em um espaço com a presença de fala autoritária, um dos personagens do processo de ensino-aprendizagem é diminuído, e geralmente, é o aluno, tornando-se invisível e humilhado. As carteiras vazias retratam a invisibilidade dos desejos e atitudes dos aprendentes. Falta um olhar atento às necessidades individuais do educando, que ultrapassam a aquisição de conteúdos.

Bakhtin (2014b) observa que a palavra autoritária está presente em todas as esferas. Pode-se desobedecer ao discurso autoritário, porém não se pode discutir com ele. Ele impede as relações dialógicas. É uma ação de poder e se impõe exigindo reconhecimento, pois emana da autoridade. Se a palavra autoritária faz parte do discurso do professor, o aluno não lhe dá acabamento provisório. A palavra docente, enquanto autoritária, é monossêmica e o aluno não lhe acrescenta sentidos, pois não se relacionam dialogicamente.

Ao contrário da palavra autoritária, a palavra internamente persuasiva estabelece relações dialógicas, se funde com as outras, ao ponto de nos cegar. A cegueira discursiva limita o entendimento de quem realmente é a palavra proferida: se do autor que discursa ou das muitas vozes que o acompanham. Nossas falas tratam-se de um discurso assimilado no interior de nós, gradualmente elaborado a partir das palavras do outro. É impossível reconhecer as fronteiras dos discursos em busca do autor primário, pois tal não existe.

O professor retratado torna o aluno invisível através do seu discurso autoritário. Ele cala e oprime, diferente do discurso internamente persuasivo que prospera quando encontra outras vozes internamente persuasivas. A fala do professor poderia ser um impulso para o futuro, pois, quando é internamente persuasiva é um discurso não-finalizado. Através da concepção particular do ouvinte e sua responsabilidade durante a transmissão, novos contextos surgem, dando outros sentidos à mesma palavra outrora proferida.

Para uma sala de aula é importante priorizar as relações, portanto o discurso autoritário é ineficaz. De forma dialógica, o aluno precisa

ser ouvido. O discurso internamente persuasivo possibilita a troca. As palavras proferidas não serão como texto acabado, dando lugar à interação máxima da palavra do outro com o contexto e a possibilidade de retornar em novas formas, pois nunca podemos ter certeza que entendemos tudo o que realmente ela quis dizer. Para o professor seria gratificante reconhecer sua palavra proferida, ressignificada em um novo contexto, através de um aluno, que teve voz e presença na sala de aula.

O texto verbal diz que ser professor é tomar certas atitudes em certos momentos, mostrando que o aluno, autor do protocolo, aceita tais atitudes de discurso autoritário e as considera normais em determinadas situações. Como uma espécie de punição à indisciplina, ao corpo em movimento ou falas inoportunas, a palavra autoritária é proferida e o aluno a aceita, pois isso faz parte do construto social adquirido sobre o papel docente. O professor deve exigir respeito, obediência, disciplina e o aluno deve cumprir as exigências.

Arroyo (2014) fala que conhecer melhor as alunas e os alunos em vez de condená-los passou a ser uma preocupação de muitos coletivos de escola. Embora haja alunos de diferentes raças, classes, credos, idades, há algo em comum: todos são alunos. E embora o autoritarismo esteja presente, oprimindo e tornando o aluno invisível, nem todos os professores têm esse olhar tão distante e impreciso. Assim, como há diversidade nos tipos de alunos, há olhares docentes muito diversos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Bakhtin, “a comunicação discursiva se dá numa cadeia ininterrupta.” (BRAIT, 2014b, p. 13). São das palavras dos outros que nos servimos para as nossas produções orais ou escritas. Assim, tentamos aqui responder a algumas perguntas que foram feitas, talvez pela própria pesquisadora, em outro momento. Algumas perguntas foram respondidas, outras, entretanto, continuam adormecidas, esperando para retornar em um diálogo vivo.

Os protocolos verbo-visuais aqui retratados apresentam-se como materialidades discursivas significativas em uma busca de sentidos da escola. Sentidos que nos levam à reflexão e busca de mudança, mesmo que seja uma mudança sutil e aparentemente limitada.

O objetivo deste trabalho foi perscrutar procedimentos teórico-metodológicos para uma análise dialógica, mas também tratou de um tema amplo que nos une – educação e arte. Apesar de todos os esforços para fazer da escola um ambiente de diálogo, de debates, de mediação de conflitos, ainda encontramos a palavra autoritária, a qual rompe com as relações dialógicas. As relações não são valorizadas e ocorre uma interrupção na propagação e modificação dos sentidos dos enunciados proferidos.

Compreendemos que a escola sobrevive entre as tensas forças centrífugas e centrípetas. As forças centrífugas desestabilizam e as centrípetas unificam, estabilizam. As forças centrípetas geralmente se apresentam como autoritárias, em uma tentativa de unificar, mesmo os sujeitos sendo únicos e diferentes uns dos outros. São formas de homogeneização das massas, tornando os sujeitos invisíveis. Já as forças centrífugas desestabilizadoras, apresentam-se como uma forma de resistência, tão necessária na situação atual.

Que nossas vozes de resistência sejam ouvidas!

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São

Paulo: Musa Editora, 2004.

_____. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros**

conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.

ARAÚJO, R. K. **No palco, professoras de teatro**: corpo e identidade em perspectiva verbo-visual. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

ARROYO, M. G. **Imagens quebradas**: trajetórias e tempos. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense

Universitária, 1981.

_____. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011a, p.261-306.

_____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011b.

_____. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011c, p.3- 192.

_____. (V. N. VOLOSHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014a.

_____. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance.** São Paulo: HUCITEC, 2014b.

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas.** São Paulo: Editora 34, 2017.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros**

conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-31.

_____. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. In: Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso.** Número 1. São Paulo, 2009, p.142-160.

_____. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. In: **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso.** São Paulo, v.8, n.2, 2013. p. 43- 66.

_____. Construção coletiva da perspectiva dialógica: História e alcance teórico metodológico. Figaro, R. **Comunicação e Análise do Discurso.** São Paulo: Editora Contexto, 2012, p.79-98.

_____. Uma palavra sobre dialogismo. In: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. **Dialogismo: Teoria e(m) Prática.** São Paulo, Terracota, 2014, p.13.

BRAIT, B; PISTORI, M. H. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e no Círculo. **Alfa,** São Paulo, v.56, n.2, p.371-401, 2012. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/5531/4343>> Acesso em 20 mar 2017.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo:** as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin, Curitiba: Criar, 2003.

GONÇALVES, J.C. Protocolos teatrais verbo-visuais: produção de sentidos para a prática teatral universitária. **Revista Bakhtiniana.** São Paulo: n.8, v.2, p. 106 - 123,

2013. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/07.pdf>> Acesso em 25 abril

2016.

_____. Teatro, corpo, experiência e sentido: Análise de Protocolos

Teatrais Verbo-Visuais. **Revista Todas as Letras.** São Paulo: v. 17, p. 176 - 186,

2015. Disponível em

<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/viewFile/7205/5425>> Acesso

em 23 maio 2016.

JAPIASSU, R. **Metodologia do ensino do teatro.** Campinas: Papyrus, 2001.

KOUDELA, I. **Jogos teatrais.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

LIMA, S. M. M. Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. In: BRAIT, B; MAGALHÃES, A. **Dialogismo: Teoria e(m) Prática.** São Paulo, Terracota, 2014, p. 37 – 53.

MELLO, M. O. F. **Corpo e(m) performance nas aulas de educação física:** produção de sentidos em perspectiva verbo-visual. 117 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação -Teoria e Prática de Ensino) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

MORSON, G. S; EMERSON, C. **Mikhail Bakhtin:** Criação de uma prosaística. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 2008.

SALES, S. L. **Protocolos teatrais verbo-visuais: O discurso das crianças em perspectiva bakhtiniana**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TAIACOL, T. C. **Vozes da dança na escola: O Ballet Clássico em perspectiva verbo-visual**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.